APLAUSO

ANO IV Nº 39

teatro

EXEMPLAR GRATUITO

Abajur Lilás

Pela primeira vez, peça de Plínio Marcos é encenada no Rio

Jornal do Teatro ✲ Em Cartaz ✲ Antonio Costa ✲ Cássio Gabus Mendes ✲ Celso Frateschi ✲ Clarisse Baptista ✲ David Pinheiro ✲ Leonardo Netto ✲ Ticiana Studart ✲ Wilson Cunha

Clube Ouro

Um gesto **Ourocard** diz muito sobre você.

VISA

Você reconhece as pessoas expansivas porque elas falam com as mãos.

BANCO DO BRASIL

www.bb.com.br
Central de Atendimento Ourocard 0800 990001

Novos Lançamentos Biscoito Fino

ÁFRICO
Sérgio Santos

MIÚCHA

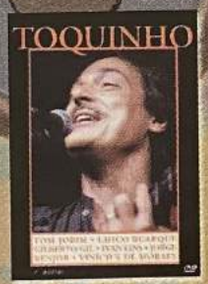
TERCEIRO COMPASSO

CHORO RASGADO
Francis Hime

GAFIEIRA MODERNA
Joyce

SINFONIA DO RIO DE JANEIRO
DE SÃO SEBASTIÃO
Francis Hime

VD SINFONIA DO RIO DE JANEIRO
DE SÃO SEBASTIÃO
Francis Hime



DVD TOQUINHO

O SAMBA É MINHA NOBREZA

MAR DE ALGODÃO
Olivia Hime

POR MARES NUNCA DANTES
Geraldinho Carneiro

TEU NOME
Marcelo Vianna

realização

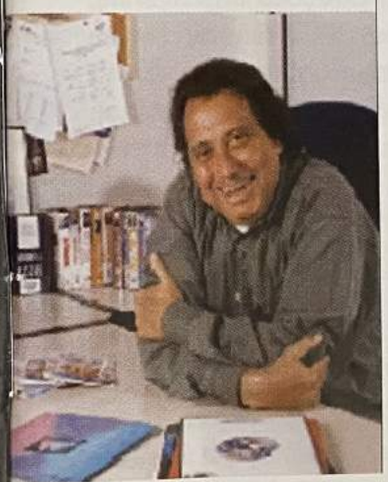
biscoitofino@biscoitofino.com.br

Quarta parede

"É uma convenção mágica: seja uma casa de bonecas de Ibsen ou a cela mais sem horizontes de Plínio Marcos, ela, a quarta parede, sempre se abre para que possamos penetrar no segredo de suas personagens. E quem ama o teatro certamente terá na memória "seus momentos inesquecíveis". Mas tal lembrança é única: compartilhá-la só através da tradição oral. Na ânsia da imortalidade, uma arte irmã, a ópera, tem produzido espetáculos cada vez mais cinéticos, onde importa menos a platéia (local) e mais a projeção (mundial) do vídeo.

O teatro, no entanto, continua no limite do efêmero, em que sua generosa quarta parede vem se abrindo para um público fugidio. Reverter o processo é imprescindível. E o canal Multishow, do sistema net/sky, desenvolve um projeto de apoio que visa atuar em todas as pontas. De um lado, com a divulgação dos espetáculos, procura que um número maior de (possíveis) espectadores tome conhecimento de sua existência. De outro, cria um espaço justamente chamado "Quarta Parede", em que realizamos programas de tevê a partir de espetáculos teatrais, buscando uma linguagem que una as duas formas de expressão.

Assim, momentos inesquecíveis como a entrega de Diogo Vilela em seu *Diário de um Louco*, Paulo Betti e a força de um *O Inimigo do Povo*, a deliciosa cumplicidade de Louise Cardoso e Cristina Pereira em *Salve Amizade*, todos sob a direção do cineasta Marco Altberg, ou o belo encontro de Fernanda Montenegro e Fernanda Torres em *A Gaivota*, com direção de Monique Gardenberg, entre outros, já estão preservados – mantendo-se intacta a magia e a generosidade da quarta parede. A luta continua, sempre."



Wilson Cunha, junho/julho de 2002

Centenário do Poeta

O centenário de Carlos Drummond de Andrade está sendo lembrado no espetáculo do Café do Teatro Gláucio Gill, *E Agora, Drummond?* Três atores e um músico – Maria Pompeu, Amaury de Lima, Laura Arantes e Gui Tavares – vivem Drummond e outros personagens, usando somente textos escritos pelo poeta. O grupo sorteia, após os espetáculos, um jantar para duas pessoas. Mais poético, impossível...

Bico calado

Maria Zilda Bethlem volta à produção teatral e estréia em setembro, no Teatro Scala, um musical em que será a protagonista. A atriz está mantendo sigilo absoluto sobre o novo trabalho e não conta para ninguém do que se trata... O segredo é a alma do negócio!

Anos Dourados

Company e *Carmen Miranda by Dussek*, Cláudio Magnavita meteu a mão na massa e escreveu o texto de *Constellation: o Musical*, em temporada no Café-Teatro de Arena. Baseado em fatos reais, o musical lembra os anos dourados cariocas das décadas de 50 e 60, com músicas como *Only You* e *Unchained Melody*. Também tem a participação especial, em *off*, de Luiz Carlos Miele e Ricardo Cravo Albin.

Poetinha na Broadway

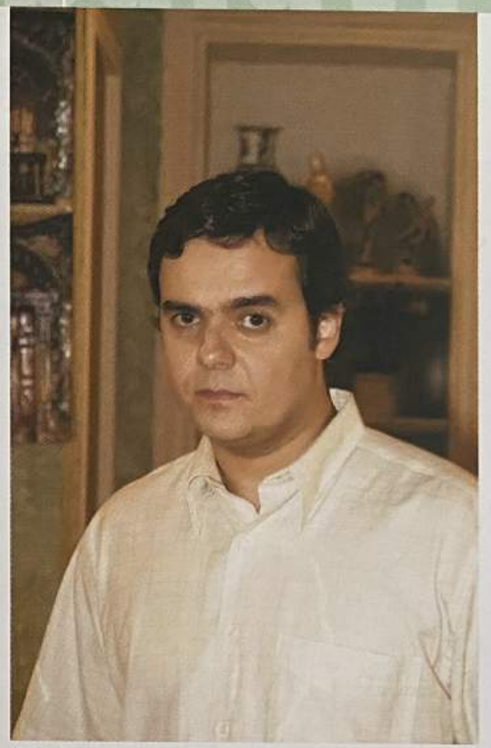
Vinícius de Moraes chega aos palcos da Broadway com o musical *Orfeu*. O projeto, ambicioso como a maioria das produções americanas, deve estrear em 2003. Mas ainda este ano os ingleses montam uma versão mais modesta do personagem, que vai percorrer vários países europeus.

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Jefferson Pancieri/divulgação.

Cássio Gabus Mendes

A escola



Cássio: "os espectadores nos fazem aprender muito"

O teatro, na verdade, é onde todos nós começamos. Meu pai e meu tio eram atores. Eu comecei a fazer teatro no colégio. Aos 17 anos, estudei seis meses no grupo do Antunes Filho. De lá, fui fazer teatro amador. Todo ator tem que passar por isso, é o primeiro contato com a profissão. Mesmo que não se dê continuidade à carreira, é um passo importante. O palco dá a oportunidade de ter contato com profissionais muito experientes, fundamentais na formação básica de um ator.

Mas eu me profissionalizei mesmo na televisão. No teatro, fiz na década de 80 a peça *Baixa Sociedade*, do Juca de Oliveira, e no começo de 90, *Parsifal*, dirigido por Jorge Takla. Já no século 21, participei de *Casa de Boneca*, de Bia Lessa. Apesar de ela usar o cinema como veículo, não deixa de ser teatro. Foi uma experiência maravilhosa trabalhar com a Bia. E a sensação de me ver na tela foi muito louca. Fui me abaixando na cadeira, sem ter como me corrigir ou criticar. De qualquer maneira, foi um projeto especial, uma oportunidade de abrir uma linguagem nova em um mercado novo também.

O contato com o público, que você só tem no teatro, é único. Cada espetáculo é diferente, porque o público também o é. Os espectadores nos fazem aprender muito, e mexem em nossa sensibilidade como ator. Vou voltar ao palco, se Deus quiser. Já estou estudando um projeto para montar no final do ano que, espero, seja um grande sucesso... Até lá!

As lágrimas amargas de Petra von Kant

Carla Marins e Denise Weinberg

FOTOS: SILVIO POZATTO/DIVULGAÇÃO

Vinte anos depois, peça de Fassbinder é novamente encenada no Rio. E acompanhada por uma exposição sobre a obra do autor.

Por Maria Lucia Rangel

A diretora Ticiana Studart enfrenta um desafio com *As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant*. Em 1982, a peça teve uma versão célebre com Fernanda Montenegro, Renata Sorrah e Juliana Carneiro da Cunha, desafio para as montagens posteriores. O elenco, que sobe ao palco do Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal dia 4 de julho, é encabeçado por Denise Weinberg, Carla Marins e Miwa Yanagizawa. As três chegam ao Rio com elogios de crítica pelas representações nas várias capitais por onde passaram. A imprensa chegou a afirmar que Denise Weinberg, intérprete do papel-título, é uma das maiores atrizes de sua geração.

Escrita por Rainer Werner Fassbinder em 1971, *As Lágrimas Amargas* foi encenada no Teatro Experimental de Frankfurt no mesmo ano. Um ano depois, foi adaptada pelo próprio autor e, em seguida, virou filme. Petra é uma mulher sólida, controladora, que sucumbe ao encanto de Karin Thimm (Carla Marins). Toda a relação, em seus encontros e desencontros, é acompanhada por Marlene (Miwa Yanagizawa), fiel e

Ao fundo, Miwa Yanagizawa, com Carla Marins e Denise Weinberg

apaixonada secretária de Petra.

Ticiana lembra que Fassbinder costumava afirmar: "Petra Von Kant sou eu".

Submissão e manipulação

"A Petra Von Kant é um dos grandes exemplos de poder, controle e onipotência", explica Ticiana. "Ela é de uma arrogância com a vida e as pessoas que se parece mesmo com Fassbinder. Ele, quando ia fazer um filme, colocava toda a equipe na mesma casa para controlá-la. Em contrapartida, Marlene, a fiel escudeira, não se dá ao direito de falar. É o máximo da subserviência e da submissão. E entra a Karin, com 23 anos, aquela liberdade, com um comportamento totalmente anárquico, cultura zero e encanta Petra com a espontaneidade. Quando percebi estes extremos na personalidade de cada uma, vi um jogo teatral bárbaro."

Entre a onipotência de Petra, o anarquismo de Karin e a submissão de Marlene, Ticiana preferiu sublinhar a última. "As pessoas têm pena dos submissos, mas este é um sentimento de manipulação muito grande. A Marlene praticamente não sai de cena, sempre calada, de olhos baixos, completamente masoquista. São as pessoas assim as responsáveis pelo ruim que acontece no mundo", diz a diretora.

Com tradução de Millôr Fernandes – a mesma da montagem com Fernanda Montenegro – cenografia de José Dias, iluminação de Maneco Quinderé e figurinos de Samuel Abrantes, *As Lágrimas Amargas* utiliza um telão que toma todo o palco, com imagens que pontuam as sensações dos personagens. Rogério Gomes e Miguel Przewodowski, diretores de TV e cinema, foram os produtores das imagens, com iluminação semelhante a dos filmes de Fassbinder. "Ele era, antes de tudo, um cineasta", lembra Ticiana. A peça tem ainda no elenco as atrizes Márcia Duvalle, Carla Guidacci e Regina Gutman. Durante a temporada, o saguão do teatro mostrará uma exposição sobre a obra de Fassbinder.

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

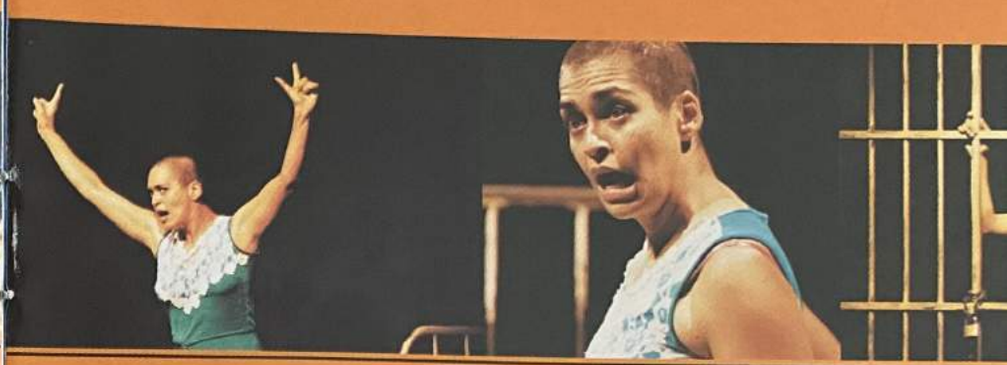
Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

UM PRESENTE QUE VAI EMOCIONAR...

Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 38



Stella do Patrocínio

As falas e o pensamento de uma mulher em um manicômio.

Por Maria Lucia Rangel

Clarisse Baptista não mudou uma linha dos textos de Stella do Patrocínio, que sobem ao palco do Porão da Casa de Cultura Laura Alvim na íntegra. O único trabalho da autora, diretora e atriz foi criar a encenação em cima das palavras da paciente, que durante 30 anos viveu na Colônia Juliano Moreira, a instituição psiquiátrica carioca, hoje Instituto Juliano Moreira.

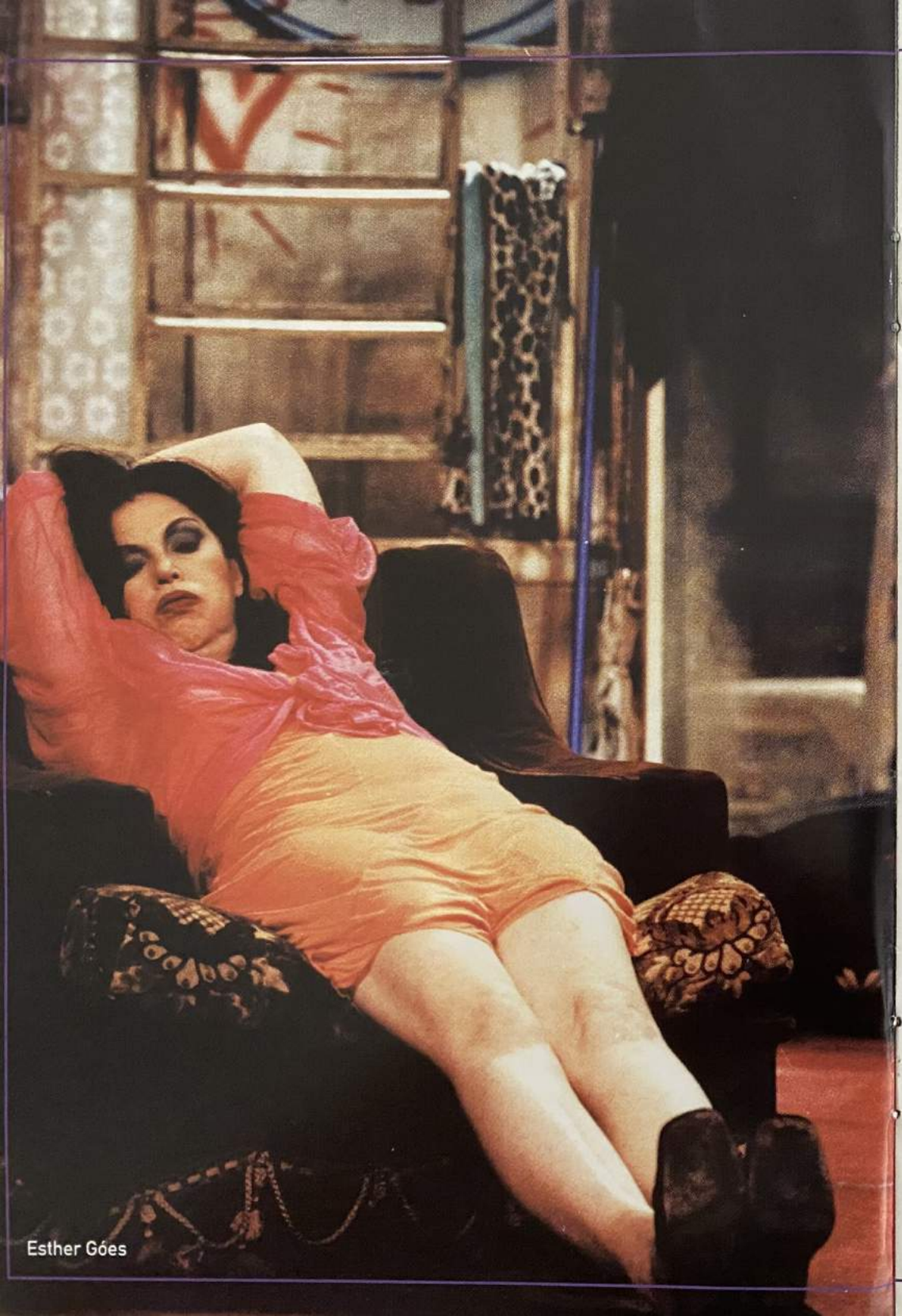
Em março do ano passado, *Stella do Patrocínio* não passou despercebida do público e da crítica especializada presentes no 10º Festival de Teatro de Curitiba. A peça fez parte do FRINGE, a mostra paralela do festival, que reuniu mais de 100 peças teatrais de todo o país. O sucesso rendeu o convite do RioArte para uma curta temporada no Espaço Cultural Sérgio Pôrto, em 2001. Merecidamente, ela volta agora ao Rio, onde fica até agosto.

Redenção pela palavra

Nascida no Acre, onde mora até hoje, Clarisse formou-se na primeira turma da CAL, no Rio, e já se acostumou a fazer o longo trajeto da ponte-aérea entre seu estado e o Rio. Há quatro anos ela guarda o texto de Stella, descoberto através de um amigo jornalista. "Ela fala de tudo, desde o que passou dentro do manicômio, até sexo, morte e repressão. Ela falava e ninguém dava atenção. Vivia sempre calada e recitava com eloquência nos seus momentos de crise. Um grupo de artistas plásticos, ao fazer um trabalho na colônia, percebeu que ela não se envolvia com nada e gravou suas falas."

Stella do Patrocínio recebeu o subtítulo de *óculos, vestido azul, sapato preto, bolsa branca e...doida*, referência ao momento em que ela (Stella) identifica como estando vestida quando foi levada pela primeira vez ao manicômio. Se Arthur Bispo do Rosário criou objetos cheios de formas, cores e delírios para "reconstruir o Universo para apresentá-lo a Deus", Stella usou a palavra para sua redenção.

Com patrocínio da Brasil Telecom, Clarisse viajará com o espetáculo por sete estados. Em dezembro irá se dedicar à próxima peça, sobre Frida Kahlo, que está sendo escrita por João das Neves.



Esther Góes

Abajur lilás

Peça de Plínio Marcos é apresentada no Rio pela primeira vez

Por Maria Lucia Rangel

Escrita em 1969 e engavetada durante 11 anos, devido à censura, a peça *Abajur Lilás*, de Plínio Marcos, chega ao Rio pela primeira vez, no Teatro Villa-Lôbos, marcando também o primeiro encontro do autor com Esther Góes. O espetáculo vem de uma carreira de sucesso em São Paulo, além de apresentações nos festivais de Porto Alegre e Curitiba e na Mostra de Campina Grande. Em novembro, atravessa o Atlântico para uma turnê em Portugal.

Três prostitutas (Esther Góes, Ângela Barros e Valéria Pontes) entram em confronto com o homossexual (Sérgio Rufino) que as explora. O elenco tem ainda Elder Fraga, como o leão-de-chácara. O explorador encontra o seu abajur lilás quebrado e tenta descobrir quem fez isso. Essas mulheres têm diferentes idades e perspectivas de vida, e passam por um penoso aprendizado de rebeldia. A crítica paulista considerou o espetáculo a melhor montagem de um texto de Plínio Marcos nos últimos anos, acrescentando que "o diretor conseguiu introduzir cores vivas e uma representação apaixonada numa história de miséria humana."

Humor cáustico

O diretor, Sérgio Ferrara, mineiro radicado há 20 anos em São Paulo, busca sempre em seu teatro o lado social e já tinha dirigido *Barrela*, a primeira peça escrita por Plínio

FOTOS: JEFFERSON PANCIERI/DIVULGAÇÃO

Marcos. E foi do autor, dois meses antes de ele morrer, que recebeu a sugestão para montar *Abajur Lilás*. "Se a gente não resgatar a consciência social, vamos perder a possibilidade de existir. Que sobrevivência é esta que precisa ter seu código de ética mudado todos os dias?", pergunta-se o diretor.

Ferrara conta que em 1999 ganhou uma concessão do Ministério da Cultura para ocupar o Teatro de Arena em São Paulo, com o projeto "Quem tem medo de Nelson Rodrigues e Plínio Marcos?" Ele procurou Plínio, que sugeriu a montagem de *Barrela*. "É interessante, porque *Barrela* e *Abajur Lilás* acabaram servindo de metáfora da ditadura militar. Passado este tempo, ficaram na gaveta. Todos montavam *Dois Perdidos numa Noite Suja* e *Navalha na Carne*. E só usavam o lado negro do autor. E ele dizia que toda a desgraça é bizarra. Tirei o paternalismo e usei seu humor cáustico".

Esther Góes e Sérgio Rufino

Ângela Barros e Esther Góes

As personagens

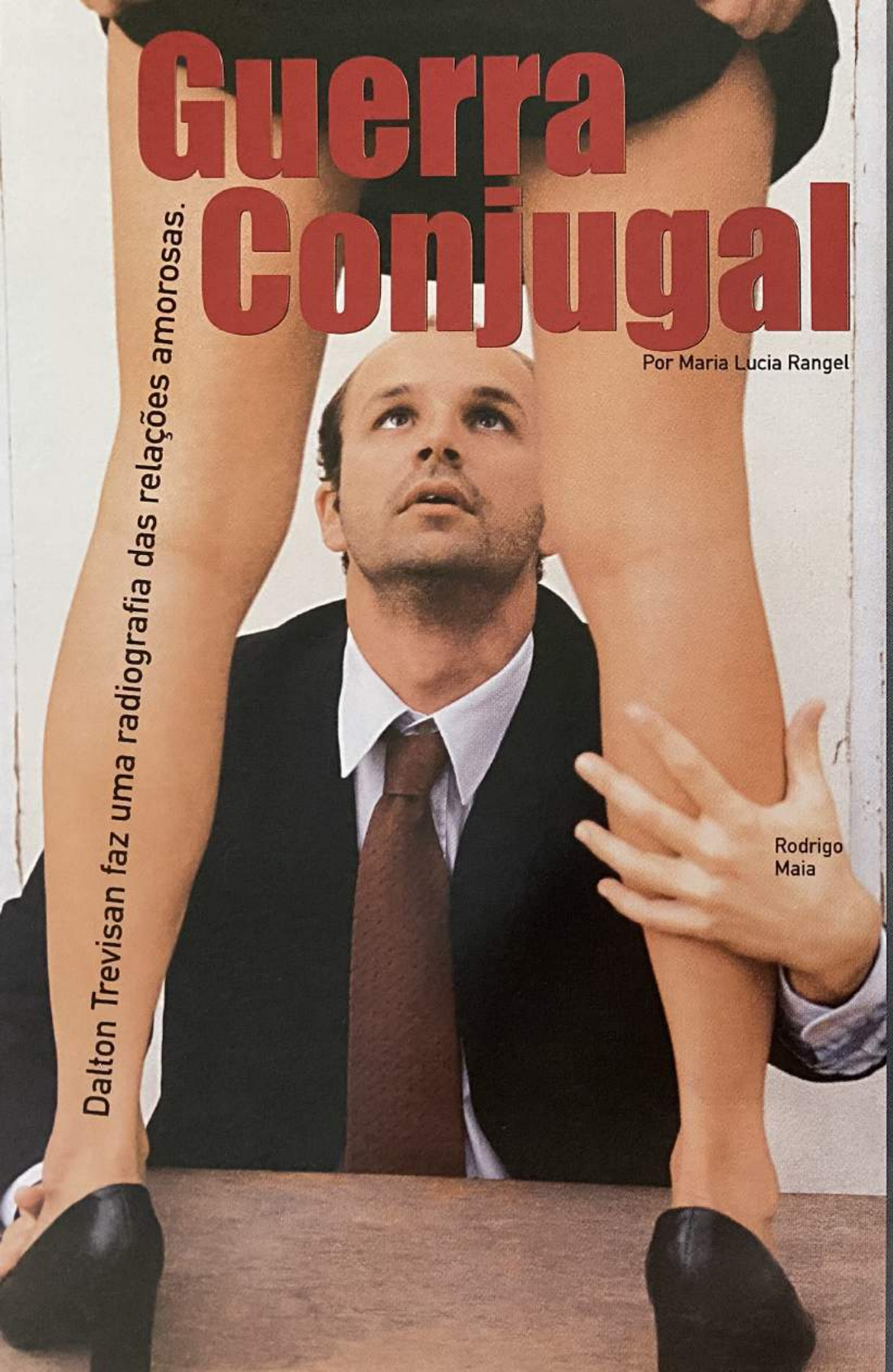
Esther Góes, que está completando 35 anos de carreira, foi convidada para fazer Dilma, segundo a atriz, "ela representa as mulheres brasileiras que estão na luta para defender sua prole (na história Dilma tem um filho) e que suporta tudo isso". Para Ferrara, Esther veio até ele com uma bagagem social importante para o papel, "trazendo uma estrutura de estudo que me ajudou".

Ângela Barros (Célia) fazia teatro na Febem e contribuiu com a realidade que viveu. Já Valéria Pontes (Leninha), segundo o diretor, "foi dirigida por mim na Escola de Arte Dramática e me apaixonei por seu trabalho, é uma negra linda." O cafetão Giro, interpretado por Sérgio Rufino (o mordomo do personagem de José Wilker na novela "Desejos de Mulher"), foi descoberto por Ferrara em *A Ópera do Malandro*, onde fazia a Geni: "Ele trouxe aquela dubiedade de que falava Jean Genet: glamour e peso do mundo." Completando a encenação, uma trilha sonora com boleros, "dando a idéia que poderíamos ter de um prostíbulo."

Guerra Conjugal

Dalton Trevisan faz uma radiografia das relações amorosas.

Por Maria Lucia Rangel



Rodrigo Maia

Misterioso, conhecido por sua literatura de humor corrosivo e fina ironia, avesso a fotógrafos, repórteres e fãs, Dalton Trevisan só permitiu a realização do espetáculo *A Guerra Conjugal* depois de ter certeza de que não haveria cortes ou adaptações à forma dramática. O responsável pela proeza foi o diretor Leonardo Netto, que ocupa o palco da Casa da Gávea com a Companhia de Teatro Simples.

Não foi fácil ganhar o *ok* do escritor. Leonardo teve que esperar alguns meses. Através da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), conseguiu um primeiro contato. "Um mês e meio depois, ele pediu que eu escrevesse para ele explicando quem eu era, o que pretendia fazer e qual era a relação da minha obra com a dele. A resposta demorou mais alguns meses, mas chegou. E liberada de graça."

Ainda no colégio, Leonardo Netto se apaixonou pelo escritor ao ler o conto *Uma Vela para o Diabo*. Mais tarde, assistiu ao filme de Joaquim Pedro *Guerra Conjugal* e também encontrou o livro em um sebo. E ficou fascinado pelo universo encontrado, repleto de personagens perdidos, marginalizados, esmagados pelas regras sociais. São eles que dão vida aos sete contos, escolhidos do livro pelo diretor e pelos seis atores: "É um espetáculo sobre o amor", explica ele, "ou sobre a falta dele. Os personagens são patéticos, com seus desejos reprimidos e pequenas mesquinharia. Por isso, são também ridículos e involuntariamente engraçados."

Ilma Dias e Marcela Berg

Professor do curso de formação do SENAC, Leonardo faz sua primeira direção, com atores escolhidos entre seus alunos. "Seis representam mais de 30 personagens, num cenário composto por uma mesa, quatro cadeiras e uma imagem flutuante de São Jorge, muito presente na obra de Trevisan." Como trilha sonora, Mendelssohn e uma música-surpresa no final.

Vampiro arredio

As adaptações dos livros de Dalton Trevisan são raras hoje em dia, já que o autor não permite que mexam em seus textos. Quanto a não aparecer em público, em um release distribuído à imprensa nos anos 70, ele explicava: "não tenho nada a dizer fora dos meus livros. Só a obra tem importância, o autor não vale o personagem. O conto é sempre melhor do que o contista." Tal reclusão, aliada ao gosto pelas caminhadas noturnas, lhe valeu o apelido de O Vampiro de Curitiba, título de um de seus livros.

FOTOS: SILVIO POZATTO/DIVULGAÇÃO

Lá

Ou como mudar a vida depois de ficar 12 horas trancado no banheiro...

Por Maria Lucia Rangel

David Pinheiro

"Muitas vezes, apenas uma porta pode nos separar da vida". David Pinheiro não duvida da sua afirmação. Para fazer o monólogo do gaúcho Sérgio Jockyman, *Lá*, que estréia dia 20 de junho no Espaço 3 do Teatro Viilla-Lôbos, ele ensaiou oito horas diárias durante quatro meses, dirigido por Camilo Bevilacqua. Emagreceu tanto que vem mantendo uma dieta para não perder mais peso: banana com mel. Mas está feliz, principalmente "pelo maravilhoso trabalho de ator que a peça proporciona."

Há tempos, o ator e diretor Antonio Pedro aconselhou David a montar *Lá*, história do advogado Raul que se vê trancado no banheiro do escritório num sábado. A peça foi o primeiro grande sucesso individual de Paulo Goulart, em 1968, dirigido por Antonio Abujamra.

David Pinheiro ficou com o conselho de Antonio Pedro na cabeça enquanto viajava pelo Brasil com o personagem Sambarilove. Até que pegou o texto na SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) e se apaixonou. O convite para Camilo dirigir surgiu do acaso. Ao levar o diretor ao aeroporto, falou da peça e soube que Camilo, gaúcho como o autor, estudou com Jockyman quando ele estava escrevendo o texto e chegou a acompanhar a primeira montagem. Estava feita a dobradinha.

Mudança radical

A história começa em tom de comédia, mas tem seus momentos dramáticos. "O sujeito tem uma dor de barriga porque a mulher fez uma comida condimentada", conta David, "e vai ao banheiro antes de um encontro com a namorada. A garota, fica-se sabendo depois, é uma garota de programa. A mulher verdadeira é poderosa, filha de um canalha e ele a odeia. É um infeliz com a vida que leva. Mas não sabe. Até ficar 12 horas trancado. Arrogante, ouve os faxineiros chegando, mas não chama ninguém. Acha humilhante ser encontrado daquele jeito."

No início dos ensaios, a preocupação do ator era em decorar o texto. Só depois de saber o texto na íntegra, com duração de 2 horas, começou a cortar, deixando o espetáculo com 1h10. "Há momentos maravilhosos, como quando ele manda bilhetinhos escritos no papel higiênico pela janela. Ou quando se lembra das poesias de Castro Alves e Casemiro de Abreu. "E o banheiro, do cenógrafo José Dias, é lindo!"

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A Diabólica Moll Flanders

Livre adaptação do livro de Daniel Defoe feita por Charles Möeller, também diretor, descrevendo a vida de uma mulher que tentou amar e nunca foi amada. No papel-título, Ary Fontoura. Com Leandro Ribeiro, Josef Meyer. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

A Guerra Conjugal

Texto de Dalton Trevisan que faz uma radiografia da classe média brasileira. Direção de Leonardo Netto. Com André Pontenova, Fabiana Omena, Ilma Dias. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2230-3511. Terças e quartas, 20h30. R$15.

A Prova

Peça de David Auburn sobre o mistério da autoria de uma prova que promete ser uma descoberta fenomenal da matemática. Direção de Aderbal Freire-Filho. Com Andréa Beltrão, José de Abreu. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qui., sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

A Vida Como Ela É...

Dez anos depois de receber prêmios de melhor espetáculo e direção, a peça baseada nas crônicas de Nelson Rodrigues é remontada. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com o Núcleo Carioca de Teatro. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$10.

As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant

Texto de Rainer Werner Fassbinder sobre famosa estilista que se separa do segundo marido e resolve viver de forma livre e independente. Direção de Ticiana Studart. Com Denise Weinberg, Carla Marins, Miwa Yanagizawa. **Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 2510-8848. De quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$10. Estréia 4 de julho.

Abajur Lilás

Peça de Plínio Marcos sobre três prostitutas em confronto com o homossexual que as explora. Direção de Sérgio Ferrara. Com Esther Góes, Ângela Barros, Valéria Pontes, Sérgio Rufino e Elder Fraga. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2541-6799. De sexta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10 (sex.) e R$15 (sáb. e dom.).

Ágora

Cinco peças do projeto Ágora criados por Roberto Lage e Celso Frateschi. *Cor de Chá*, dias 12 e 13/6, 21h. *Antes do Café*, dias 14, 15 e 16, 21h. *Ufa, que Perigo!*, dias 14, 15 e 16, 21h. *Diana*, dias 18, 19, 25 e 26/6, 21h.. *Tio Vânia*, dias 21, 22, 23, 28, 29 e 30/6, 21h. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. R$10 (Ufa, que Perigo!) e R$15 as demais.

Aqui se Faz, Aqui se paga

Comédia musical sobre vidas passadas, de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Direção de Jorge Fernando. Elenco: J.F., Duze Naccarati, Marcelo Barros. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui., sex., e dom.) e R$30 (sáb.).

Auto do Novilho Furtado

Texto de Ariano Suassuna reunindo três peças: *A Inconveniência de ter Coragem*, *O Caso do Novilho Furtado* e *Auto da Virtude da Esperança*. Direção de Demétrio Nicolau, com a Companhia Pop de Teatro Clássico. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. R$15. Até 29 de junho.

Caixa 2

Comédia de Juca de Oliveira sobre os absurdos vividos pelo brasileiro. Direção de Fauzi Arap. Com Mauro Mendonça, Oswaldo Loureiro, Cláudia Mauro. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$25.

Casa de Boneca

Nova montagem da peça de Ibsen misturando cinema com teatro. Direção de Bia Lessa. Elenco: Betty Gofman, Júlia Lemmertz, José Mayer,

José Wilker, Cássio Gabus Mendes e participação especial de Arnaldo Antunes. **Teatro I do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$10. Até 30 de junho.

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino de duas jovens autoras e atrizes, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qua. e qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Constellation: o musical

Com texto de Cláudio Magnavita, o musical faz uma homenagem aos anos dourados do Rio de Janeiro entre as décadas de 50 e 60. Direção de Eduardo Loyola. Com Patrícia Levy, Adriana Quadros. **Café-Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R$30.

E Agora, Drummond?

Textos escritos por Carlos Drummond de Andrade passando pela infância, amor, Deus, Brasil e paz. Roteiro de Maria Lucya de Lima, também diretora, e Maria Pompeu. Com Maria Pompeu, Amaury de Lima. **Café do Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arco Verde, s/n, Copacabana). Fone: 2547-7003. De quarta a sábado, 19h. R$12.

Elis

Musical sobre Elis Regina, desde a infância em Porto Alegre até o sucesso como a maior cantora do Brasil. Texto de Douglas Dwight e Fátima Valença. Direção de Diogo Vilela. Elenco: Inês Viana, Cláudio Lins, Jandir Ferrari. **Teatro Scala** (Rua Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$30 (qui. e dom.) e R$35 (sex. e sáb.).

Estrada para Goiás

Espetáculo baseado no conto "A Parasita Azul", de Machado de Assis, sobre um jovem goiano que depois de uns tempos na Europa volta à terra natal. Direção de Antonio Costa e Rachel Coimbra. Com a Cia. Carioca de Flamenco e Artes. **Teatro do SESI** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4163. Toda segunda-feira, 19h. R$8.

Incidências

Texto de Dani Duarte, Flávio Pardal e Gisele Câmara, trazendo à tona temas polêmicos como a violência contra a mulher. Direção de Rodrigo Portella. Elenco: Dani Duarte, Rodrigo Penna, Gesele Câmara e Paulo Hamilton. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2541-6799. Terça e quarta, 21h. R$15.

Lá

Texto de Sérgio Jockyman sobre um advogado que muda sua idéia de vida depois de ficar trancado no banheiro do escritório durante 12 horas. Direção de Camilo Bevilacqua. Com David Pinheiro. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Mamãe Não Pode Saber

Comédia de João Falcão sobre situações inusitadas que vivemos hoje em dia. Direção do próprio autor. Com Drica Morais, Vladimir Brichta, Lázaro Ramos. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, a confirmar. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

O Álibi ou A Vingança, segundo JBL

Texto de E. Sérgio Pereira, sobre uma mulher marcada pela tragédia que vive maquinando uma vingança. Direção de Rô Sant'Anna. Com a Cia. Ofício ou Sina de Teatro. **Teatro do Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2558-6350. Sábado, 19h30. Domingo, 19h. R$5.

O Santo e a Porca

De Ariano Suassuna, a peça conta a história do velho Eurico Árabe, o "Euricão Engole-Cobra", dividido entre a avareza e a devoção a Santo Antonio. **Espaço Cultural Ariano Suassuna** (Rua do Lavradio, 20, Centro Antigo). De sexta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$10.

Ruzante

Texto do italiano Angelo Beolco, o Ruzante, que marcou a cena renas-

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

centista italiana tratando da história do marido enganado pela mulher. Direção de Sidnei Cruz. Com a Cia. do Público. Espetáculo itinerante que começa no **Arco do Telles**. Sábado e domingo às 17h30. Grátis.

Selvagem como o Vento

Monólogo com Carolina Ferraz, com concepção e direção de Denise Stoklos e Hugo Rodas. Durante uma hora, uma mulher vivencia suas fragilidades, sua força, sua inteligência e sua imensa capacidade de amar. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. Até 30 de junho.

Stella do Patrocínio

Clarisse Baptista transformou a história da paciente da Colônia Juliano Moreira em peça teatral, e também dirige e interpreta a personagem. **Porão da Casa de Cultura Laura** Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Um Bonde Chamado Desejo

Peça de Tennessee Williams sobre os relacionamentos e suas tensões. Concepção e direção de Cibele Forjaz. Elenco: Leona Cavalli, Milhem Cortaz, Isabel Reixeira e João Signorelli. **Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10. Até 30 de junho.

Uma Dupla de 2

Sete esquetes cômicos de Duda Ribeiro, investigando a mentalidade masculina. Direção de Luiz Carlos Tourinho. Com Eduardo Galvão e Duda Ribeiro. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex., e dom.) e R$20 (sáb.). Até 30 de junho.

Variações Enigmáticas

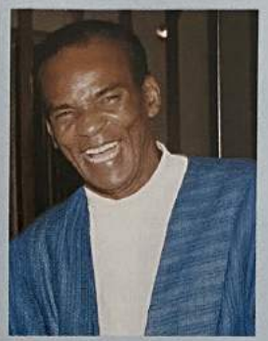
Texto de Eric-Emmanuel Schmitt narrando o encontro entre um repórter e um escritor, vencedor do prêmio Nobel, que vive isolado numa ilha da Noruega. Direção de José Possi Netto. Com Paulo Autran e Cecil Thiré. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2262-7527. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 21h. Domingo, 18h. R$25 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

A Prova

"É um belíssimo trabalho de Andréa Beltrão e mostra o nosso papel neste planeta hoje. *A Prova* é exatamente isto: vencer limites e mostrar do que o ser humano é capaz."



Antonio Pitanga, ator

Mamãe não pode saber

"Recomendo principalmente pelo elenco brilhante, jovem e muito talentoso. São duas horas do que um bom teatro deve ter."

Vera Holtz, atriz

Caixa 2

"É uma comédia fantástica e o espetáculo é realmente um dos mais divertidos que vi na minha vida."

Jacqueline Laurence, atriz e diretora

Variações Enigmáticas

"A cada 20 minutos, uma surpresa faz você levar um susto. E ainda tem a interpretação maravilhosa de Paulo Autran e a música do Elgar, que dá nome ao espetáculo."

Tadeu Aguiar, ator

Ágora

Chega ao Rio o projeto paulista que recebeu o Prêmio Shell especial de 2001.

Por Maria Lucia Rangel

Durante o mês de junho, o Teatro do Planetário será ocupado por quatro peças no horário noturno – *Cor de Chá, Antes do Café, Tio Vânia* e *Diana* – e um espetáculo infantil nos fins de semana, *Ufa, que perigo*! Criado há dois anos e meio por Roberto Lage e Celso Frateschi, o projeto Ágora - Centro para Desenvolvimento Teatral – Prêmio Shell de 2001 na categoria especial, tem como primeiro objetivo o trabalho do ator: "Optamos em privilegiar os valores humanos aos de mercado", dizem seus criadores.

• **Cor de Chá** apresenta uma mulher por volta dos 40 anos que busca viver seu momento de passagem de uma geração para outra. Com espírito crítico e humor ferino, ela se questiona sobre a família e os filhos, transitando entre a lucidez e a loucura na busca da arte de amadurecer. Com direção de Márcia Abujamra, traz de volta aos palcos Noemi Marinho, também autora do texto.

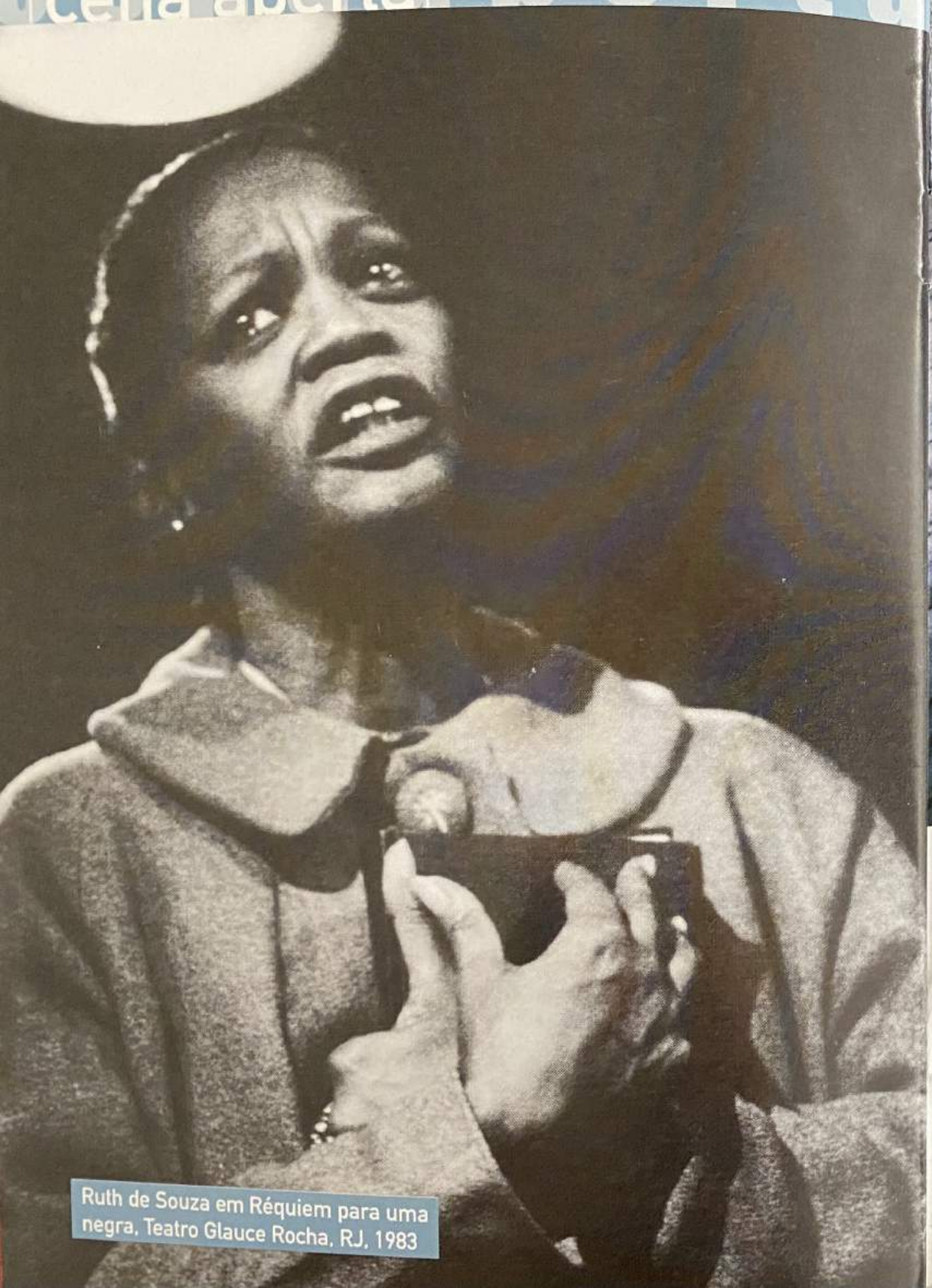
• **Tio Vânia**, de Tchekhov, é um dos mais importantes textos da dramaturgia universal e também um dos mais instigantes. Tudo está sempre para acontecer, como nos momentos que antecedem as tempestades. Com sete atores no palco – Augusto Jucal, Daniela Carmona, Fábio Herford, Luíz Guilherme, Manoel Bouvinhas, Nádia De Lion e Selma Pellizon – a peça, em pouco mais de noventa minutos, sintetiza com propriedade a complexa história contada pelo dramaturgo, tendo chamado atenção da crítica paulista a interpretação de Fábio Herford no papel-título.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

• **Antes do Café** é do dramaturgo Eugene O'Neill, passada na década de 20, sobre uma jovem que prepara o café da manhã. Através desse ato cotidiano, sua relação com o marido vai sendo revelada. Costureira de uma fábrica, sustenta a casa com um trabalho penoso. O marido, jovem poeta, recusa-se a procurar emprego. A comunicação entre o casal vai se tornando difícil e alimentando frustrações. No elenco, Jerusa Franco e Geraldo Lozzi.

• **Diana**, segundo o ator e autor do texto Celso Frateschi, surgiu de um exercício que fez quando trabalhava na adaptação de *Diário de um Louco*, de Gogol. A história é do professor apaixonado pela escultura Saindo do Banho, de Victor Brecheret, a quem batiza de Diana. O personagem, sem nome, não acredita no que falam os homens e só dá valor ao que dizem as coisas.

• **Ufa, que Perigo!**, a infantil do grupo, estréia dia 8 e será apresentada todos os sábados e domingos até o final de junho. Escrita por Augusto Francisco em 76, foi inspirada em Julio Cortázar e Júlio Silva. Se passa na cidade de Souzalândia, onde os personagens Ontok e Ontoka de Souza aguardam ansiosamente a vinda de um super-herói. No palco, somente cinco cadeiras à disposição de cinco atores, com todo o gestual semelhante à linguagem dos desenhos animados e histórias em quadrinhos.



Ruth de Souza em Réquiem para uma negra, Teatro Glauce Rocha, RJ, 1983

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multi show

O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.**
O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

multi show
CANAL GLOBOSAT